

O porto seguro da enfermagem

Trabalho de profissionais evita abandono do tratamento de Aids

Isis Breves

DL. L. de 24 anos, portadora do vírus HIV, estava há um ano sem tomar a medicação anti-retroviral, com faltas às consultas que resultaram em acentuado emagrecimento e constantes febres ao final do dia. Com histórico de internação devido à tuberculose associada ao HIV, J. F., de 62 anos, vinha tomando a medicação de maneira incorreta, tinha interrompido a terapia e mostrava desinteresse pelas consultas. Estes são casos de exemplos de abandono ao tratamento, ou falha terapêutica, que podem colocar a vida desses pacientes em risco. Ou seja, além de sofrer de uma doença severa, ao negligenciar o tratamento, o paciente enfrenta outros obstáculos, cujos riscos nem sempre são muito claros para eles.

Com o objetivo de recuperar a regularidade das consultas ambulatoriais de pacientes faltosos como D. L. L. e J.F., o Instituto de Pesquisa Clínica Evandro Chagas (Ipec) da Fiocruz está colocando em prática a consulta de enfermagem, uma proposta que visa a melhoria das condições do processo de saúde. Funciona assim: a equipe do Ipec faz uma busca de pacientes convivendo com HIV/Aids que não têm comparecido às consultas marcadas pelo médico. Identificados, os profissionais entram em contato com eles e os orientam sobre a importância da adesão ao tratamento.

Durante a consulta, explicam que não faltar às consultas e tomar os remédios são medidas fundamentais para se evitar o aparecimento de doenças oportunistas. Também reforçam aspectos relacionados à prevenção da transmissão do vírus e ao uso correto da medicação e explicam sobre os efeitos colaterais dos medicamentos, como explica a enfermeira Maria José Queiroz Alvarenga Martins.

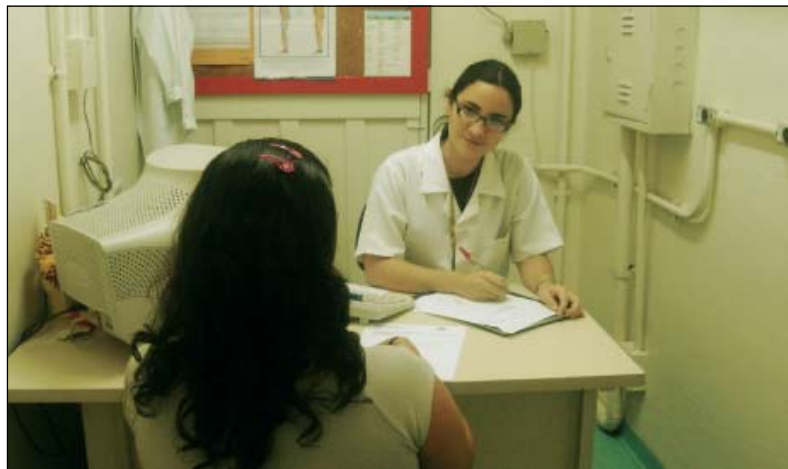
Resultado: a estratégia está dando certo. Dos 200 pacientes identificados em situação irregular pelo programa da unidade, 80%, ou 160 deles, retomaram

ao tratamento. A paciente D. L. L. está a um mês tomando a medicação e seguindo as orientações dadas pela consulta de enfermagem. “Comecei a tomar os remédios há pouco tempo. Estou voltando a ganhar peso e as febres que tinha ao final do dia sumiram. Adoro essas consultas com as enfermeiras, pois tenho toda a explicação que preciso em relação a medicação, prevenção e saúde de pessoas que vivem com o vírus”, conta.

Segundo a enfermeira Cleyde Bié Nagatsuka, o trabalho teve início este ano e os resultados são significativos. “Ampliamos os vínculos com esses pacientes, por meio da educação em saúde para aumentar o compromisso existente entre paciente, profissional de saúde e instituição. Muitas vezes, os pacientes estão desacreditados do seu *status* sorológico e, de forma equivocada, esquecem que vivem com o vírus. Pensam, também erradamente, que abandonar o tratamento é a melhor maneira para viver bem. Porém, as doenças oportunistas aparecem e os trazem de volta ao hospital”, adverte.

Risco: soropositivos deixam de usar preservativos

Os problemas não se limitam à descontinuidade das consultas ou a interrupção do tratamento. Muitos pacientes acreditam que, por serem portadores de HIV e se relacionarem com um parceiro soropositivo não há a necessidade do uso de preservativo. Eles são orientados a usá-lo, pois além do risco do desenvolvimento de resistência aos medicamentos anti-retrovirais, eles podem contrair outras doenças sexualmen-



▶ Diálogo com enfermeiras fez com que 80% dos pacientes de Aids retornassem ao tratamento

te transmissíveis, tais como hepatite e sífilis. “Explicamos que mesmo os soropositivos assintomáticos precisam fazer um acompanhamento clínico e laboratorial, principalmente o exame de contagem da célula TCD4, para verificar a necessidade de fazer uso ou não da terapia anti-HIV. Fazemos uma troca de saberes e informações visando à promoção do autocuidado”, relata Cleyde.

“Relaxe o tratamento, o que acarretou em piora da minha saúde. Estou de volta às consultas médicas, tomando a medicação corretamente e seguindo as orientações dadas na consulta de enfermagem. Essas profissionais são como anjos na minha vida. O cuidado que recebo aqui é fundamental para eu continuar vivendo”, diz J.F. “Aprendemos a ter consciência da doença, para viver com qualidade de vida”, completa.

O modelo que agora chega à Fiocruz já foi implantado em vários países. Recentemente, na 7ª Conferência Brasil-Jonhs Hopkins University em HIV/Aids, foram apresentados resultados que demonstraram que a consulta de enfermagem resultou na melhoria na qualidade de vida de pacientes americanos convivendo com Aids. “Devemos estar empenhados em ouvir, interagir, conscientizar, adequar a linguagem e acolher o paciente”, diz a coordenadora do projeto, a enfermeira Rosângela Eiras. ❁